

GORDOFOBIA ESCOLAR: A ANÁLISE DE DISCURSO E O PAPEL DO ADVÉRBIO NA IDENTIFICAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO AOS CORPOS GORDOS

Analu Steffen ¹
Paulo Pires de Queiroz ²

RESUMO

Este artigo traz um recorte da pesquisa-ação realizada com servidores e estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II, no Rio de Janeiro. Através de entrevistas semiestruturadas com docentes e servidores técnicos e utilizando a Análise Crítica de Discurso como método de análise, o uso de advérbios pelos entrevistados foi utilizado como balizador atenuante ou agravador de sentido em seus depoimentos, trazendo à tona mensagens implícitas ou “não ditas”. Como parte da Fase Diagnóstica da Pesquisa-ação, a Análise de Discurso trouxe dados capazes de proporcionar uma classificação entre os diferentes tipos de gordofobia sofridos ou percebidos pelos entrevistados, em especial a Gordofobia Escolar, além de atender ao primeiro objetivo específico da pesquisa, que almeja descobrir como se dão as percepções desses profissionais em relação aos corpos gordos e sua postura junto aos estudantes. Observou-se que a escola, que poderia ser a instituição de acolhimento desses corpos dissidentes, vem demonstrando que se comporta como as outras instâncias sociais e acaba por reproduzir, como um microcosmo, as posturas gordofóbicas que acontecem do lado de fora dela. Não há, na escola, cuidados com a acessibilidade dos estudantes gordos, entalando-os em mobiliários inadequados e enlatando-os em uniformes nos quais seus corpos não cabem. Não há, nos currículos escolares, nenhuma menção ao estudo e pesquisa sobre os corpos gordos como corpos diferentes. Há, sim, a estigmatização dos corpos gordos como doentes e improdutivos nos materiais didáticos quando se trata de má alimentação e consumo excessivo de calorias e cálculos de IMC, fazendo com que esses estudantes virem chacota de seus colegas, sendo humilhados publicamente. É urgente que tal postura seja denunciada e que ações antigordofóbicas passem a fazer parte do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Gordofobia, Escola básica, Advérbio.

INTRODUÇÃO

Ainda ausente em alguns dicionários oficiais da Língua Portuguesa, o termo “gordofobia” tem sido descrito como: “substantivo feminino; aversão a pessoas gordas que se efetiva pelo preconceito, intolerância ou exclusão dessas pessoas” (DICIO, 2023)

¹ Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ – RJ, analusteffen@gmail.com ;

² Professor orientador: Doutor em Filosofia e Humanidades, Universidade Federal Fluminense/ FIOCRUZ - RJ, ppqueiroz@yahoo.com.br.

O artigo faz parte dos resultados da pesquisa de doutorado “Por entre vênus paleolíticas, Rubens, Botero e artistas contemporâneos brasileiros: o discurso imagético como alavanca de representatividade e saúde na escola”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde – IOC – FIOCRUZ, no Rio de Janeiro.

A gordofobia está presente em todos os extratos sociais, nos mais diversos ambientes interativos, sendo veiculada pelos aparelhos midiáticos e atingindo toda a população, sem distinção de idade, gênero, classe social ou escolaridade, caracterizando um preconceito estrutural.

A gordofobia afeta as pessoas gordas de inúmeras formas, excluindo-as do convívio social, entre relações familiares e amorosas, assim como do mercado de trabalho e de aparatos de saúde. O mercado de vestuário para corpos gordos ainda é muito caro e restrito, não há acessibilidade nos meios de transporte público nem nos hospitais. Em nossa sociedade, ser gordo é “não pertencer”.

A escola aparece como um dos mais importantes meios de socialização em nossa sociedade, onde passamos a partilhar experiências desde a infância até nos tornarmos adultos. Essa instituição acaba funcionando como um espelhamento das posturas e ações sociais que acontecem fora dela, reproduzindo preconceitos e discriminações.

Vigarello (2012, p. 239) revela como um autor gordo, ainda do século XVIII, descrevia os abusos cometidos contra si, salientando as rejeições que ocorriam no ambiente escolar:

Não há, sem dúvida, qualquer originalidade nas circunstâncias dessas “rejeições”: zombarias com o cansaço do obeso, desprezo de rivais mais “sedutores”, “sentimento de desgraça” atizado a cada encontro. A lista de farsas de colegiais é minuciosa, o “correio” em especial, essa situação em que a criança obesa, interminavelmente perseguida pelos camaradas brincalhões, seria obrigada a correr até o esgotamento. As experiências de humilhação são precoces, duradouras, marcantes.

Os corpos gordos são invisibilizados na escola, não havendo recursos para sua inclusão e acessibilidade. Não há uniformes ou mobiliário adequado que tragam algum tipo de conforto a esses estudantes, assim como sua diversidade não faz parte do currículo.

A escola caracteriza-se como um ambiente que reproduz e dissemina o preconceito e a discriminação contra os corpos gordos, excluindo-os e não oferecendo espaço e aparatos para a sua existência e participação efetiva nos processos educacionais. Portanto, é preciso que se observem e registrem as ações gordofóbicas dentro da escola para que se possa intervir e transformar essa realidade.

Este texto é um recorte da pesquisa de doutorado “Por entre vênus paleolíticas, Rubens, Botero e artistas contemporâneos: o discurso imagético gordo como alavanca de representatividade e saúde na escola”, vinculada ao Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ,

no programa em Ensino em Biociências e Saúde, na linha de pesquisa Ciência e Arte, e realizada no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II, no Rio de Janeiro.

O presente texto refere-se ao primeiro objetivo específico da pesquisa: Observar as percepções dos docentes e servidores técnicos do Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão II, em relação ao corpo gordo e sua postura junto aos estudantes. Tem-se como objetivo geral da pesquisa: Analisar o discurso imagético gordo através de produções artísticas como processo de produção identitária de gordos e não gordos e como contribuição para o fortalecimento da saúde dos estudantes. O problema da pesquisa está assim discriminado: Como a fruição das representações do corpo gordo nas artes pode atuar no reconhecimento identitário de gordos e não gordos na escola básica, contribuindo para o fortalecimento de sua saúde?

METODOLOGIA

O projeto de pesquisa está cadastrado na Plataforma Brasil e foi aprovado pelo CEP Fiocruz em agosto de 2020 (Parecer 4.101.382, CAAE 32721820.2.0000.5248).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1986, p. 14),

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação acontece em três etapas de faseamento: a) fase diagnóstica, quando é realizada a análise e delimitação da situação inicial; proposição da situação final, em função dos critérios que se desejam atingir e da forma de fazê-lo; identificação de todos os problemas a serem resolvidos para sair da situação inicial e chegar à situação final desejada; b) fase interventiva: planejamento e execução das ações correspondentes; c) fase avaliativa: avaliação das ações. (Thiollent, 1986, p. 53-54)

Para obter um conhecimento mais apurado sobre o campo de pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com docentes e servidores técnicos com contato direto com os estudantes a fim de conhecer sobre a realidade do *Campus* onde acontece a pesquisa, buscando por dados acerca de projetos pedagógicos, relacionamentos entre alunos, professores e comunidade escolar, possíveis situações de discriminação e

principalmente observar qual é a percepção desses profissionais em relação ao corpo gordo e como lidam com essa questão junto aos estudantes.

As entrevistas fazem parte da fase diagnóstica da pesquisa-ação e foram realizadas no primeiro semestre de 2021, via Plataforma *Meet*, sendo gravadas com consentimento dos participantes, que assinaram o TCLE. As entrevistas foram transcritas integralmente e analisadas, sendo entrevistados ao todo 16 servidores do Campus São Cristóvão II do Colégio Pedro II, sendo 14 docentes 2 servidores técnico-administrativos.

As entrevistas foram examinadas segundo a Análise Crítica de Discurso (ACD), assim definida por Van Dijk (2018, p.113):

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social.

Assim sendo, fica claro que a escolha por tal estratégia de análise se dá pela natureza da temática pesquisada, visto que se trata de um grupo social altamente discriminado, visualmente e relacionalmente rejeitado e que tem suas demandas ainda invisibilizadas perante a sociedade e, especialmente, dentro do ambiente escolar.

Como sou uma pesquisadora/professora/gorda e, portanto, parte do universo pesquisado, é importante salientar que meu engajamento pessoal com a pesquisa não implica uma parcialidade imprudente, pois todas as perspectivas de análise do objeto de estudo estão sendo esclarecidas e fruto de grande reflexão. Seria desonesto simular uma “imparcialidade científica” diante do fato de que todas as ações previstas na pesquisa buscam a identificação da gordofobia no ambiente escolar e a possibilidade de se alcançar a conscientização sobre sua existência e a possível perspectiva de transformação dessa realidade. Para Resende (2019, p.140),

A neutralidade não é um mito na ADC. Ao contrário de outros (as) pesquisadores (as), que se esforçam no sentido de uma neutralidade intangível, para os (as) analistas de discurso esse não é um problema. Admitimos que a suposição de neutralidade em ciência não é senão um posicionamento ideológico e, assim sendo, não nos pretendemos neutros – sabemos que não podemos sê-lo e, mais que isso, *não queremos sê-lo.* (grifo do autor)

Para Dijk (2018, p. 15), os “estudiosos do ECD não são ‘neutros’, mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados da sociedade. Eles assumem uma posição e fazem isso de modo explícito.”

Em um texto, seja ele de qualquer natureza, o que é “dito” sempre se baseia naquilo que “não é dito”. Tais presunções “não ditas” e implícitas caracterizam o caráter ideológico de um discurso e desvendá-las constitui parte significativa e essencial da análise de textos. Fairclough (2001, p. 75) enfatiza a importância da análise do caráter ideológico presente nos discursos, pois é esse aspecto que constrói a naturalização da discriminação das diferenças na sociedade. Para o autor,

O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas; além disso, o poder é tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos. (Fairclough, 2001, p. 75)

Um olhar crítico sobre a constituição dos discursos pode, entretanto, desvendar o aspecto ideológico neles presente e ensinar a mudança, baseando-se na proposição de que situações opressoras podem ser transformadas, visto que são criações sociais. Assim, a tomada de consciência sobre tais mecanismos de manipulação e opressão são o primeiro passo para a transformação da realidade.

Fairclough (2001, p. 22) argumenta que “qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”. Assim, justifica-se proceder à Análise Crítica do Discurso sobre as entrevistas concedidas pelos docentes e servidores, considerando que eles representam o contingente dos profissionais que atuam diretamente com os estudantes do Campus São Cristóvão II do Colégio Pedro II, onde é realizada a pesquisa. A observação da forma como esses profissionais percebem o corpo gordo e externalizam isso junto aos estudantes é de suma importância no desenrolar da pesquisa, que considera o discurso como espelho de práticas sociais.

O mesmo autor (2001, p. 275) afirma que “[...] não há procedimento fixo para se fazer análise do discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”. Assim, para proceder à análise das entrevistas, optei primeiramente por buscar trechos em que

aspectos concernentes diretamente à questão do corpo gordo fossem aparentes e mantivessem relação com o referencial teórico escolhido para embasar a pesquisa. Além desses trechos, observei também abordagens comuns nas falas dos entrevistados, considerando que a recorrência da mesma temática em diferentes discursos aponta para uma prática corrente entre eles e possivelmente para outras populações.

Após a seleção desses trechos e separação por categorias temáticas, foi analisada a utilização de advérbios nos discursos, classificando-os gramaticalmente e refletindo sobre o modo como foram dispostos no texto. O advérbio é a palavra que basicamente modifica o verbo, acrescentando-lhe uma circunstância. Mas, em uma definição mais ampla, pode ser a palavra que modifica o verbo, adjetivo ou o próprio advérbio (Nicola; Infante, 1991, p.193). Assim, a análise do uso de advérbios pelos entrevistados aponta para questões menos explícitas no discurso, mas que são capazes de demonstrar sutilezas do uso da língua que acabam por colocar à vista aquilo que “não foi dito”, com o intuito, frequentemente, de mascarar ideias e posturas que estão arraigadas e transparecem com a intensificação dada pelos advérbios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Denise traz em seu depoimento a denúncia de assédio na escola por ser gorda, inclusive por parte de professores:

“Também sofri bullying por parte dos professores... eu não me esqueço:: eu carreguei um apelido do sexto ao terceiro ano do ensino médio... de Creuza... que foi um professor que colocou por conta de uma coisa que eu fiz em sala de aula e ele gritou “qual é Creuza? Senta aí Creuza (frase exclamativa)” E esse apelido ficou até o terceiro ano do ensino médio:: e as pessoas me conhecem e as pessoas me conheciam por Creuza não por Denise:: isso é marcante sabe.”(D)

NÃO (negação): o fato de trazer essa sentença para o início enfatiza a ideia. Então sugere que a lembrança, uma vez que associada a algo negativo, seja mais repugnante do que se estivesse depois de dado todo o contexto.

Ainda em seu depoimento, Denise fala sobre um estudante gordo, egresso do campus, que sofreu discriminação de funcionários da escola:

“eu me identificava muito com ele:: ele era gordo... preto e homossexual:: então assim... carregava nele todos os preconceitos possíveis e pobre:: todos os preconceitos possíveis e imagináveis:: e ele foi discriminado por servidores

de alto escalão da escola e foi muito difícil... determinadas circunstâncias eram muito difíceis”. (D)

MUITO (intensidade): o advérbio em si já intensifica o significado de difícil, mas a repetição é fator muito mais significativo de intensificação nesse caso. Interessante frisar que durante seu discurso, a entrevistada traz dados importantes, como a marcação da interseccionalidade, quando revela o somatório dos preconceitos sofridos pelo aluno: raça, orientação sexual, classe e corporalidade gorda, tentando demonstrar o quão abusiva era a discriminação sofrida por ele na escola.

Sara também discorre sobre o mesmo estudante:

“era um menino muito inteligente muito esperto muito articulado muito sagaz mas que estava sempre sendo ridicularizado sendo destrutado sendo alvo de brincadeiras e piadas sempre o tempo inteiro então ele tava sempre na defensiva porque imagina chegou no nono ano...[...] então assim uma trajetória toda na escola desde o Pedrinho que ele foi aluno do Pedrinho passando por diversas situações de piadas e brincadeiras constrangimentos de vários tipos por ele ser gordo”.

MUITO (intensidade): relacionados a uma série de adjetivos positivos, porém seguidos de um **MAS**, que introduz um **SEMPRE** (tempo) relacionado à zombaria que ele sofria. Diz nas entrelinhas que todas as suas qualidades eram apagadas pelo fato de ele ser gordo.

Hugo traz, em seu depoimento, a forma como um amigo de escola foi apelidado pejorativamente quando criança e como tal apelido acompanhou-o durante a vida:

“então um cara que era super meu amigo na época... ele era o Bolão... não era nem questão do cara ser muito gordo... era porque ele tinha as pernas muito finas... braço muito fino... mas ele era concentrado assim... mais gordinho no tórax e aí enfim... esse Bolão não foi um apelido que eu botei... mas é um apelido que ficou e aí era isso assim era seu apelido de uma vida inteira”.

DE UMA VIDA INTEIRA: (locução adverbial de tempo). No contexto, essa expressão representa uma espécie de maldição, como nos contos de fada.

Afonso também compartilha suas lembranças em relação aos apelidos dados aos colegas de escola que eram gordos:

“eu via essas pessoas até darem a volta por cima no sentido de se tornarem os mais espirituosos o que eu mais me lembro são essas situações de ataque especificamente assim são os xingamentos mesmo... balofo... gordão”.

MAIS (intensidade) + **ADJETIVO**: é uma construção no grau superlativo relativo de superioridade do adjetivo **ESPIRITUOSOS**. Supõe uma obrigatoriedade, quem é gordo **TEM QUE SER** engraçadinho para compensar sua diferença corporal.

O depoente Célio relembra sobre o colega gordo nas aulas de Educação Física:

*“educação física por exemplo... pelo menos a pessoa que vem na minha cabeça agora geralmente esse menino que era gordo ele ficava como goleiro por exemplo né? ele não era o que corria e jogava bola:: eu via mais nesse sentido do que de ofensa de chamar de gordo para ofender que eu me recorde agora é isso... eu via essa discriminação não de uma maneira direta assim de ofensa mas você via nessas situações que ele ficava no gol e **não era o que corria provavelmente** na cabeça dos estudantes que ele era mais lento iria prejudicar o time e talvez fosse até uma preferência dele ficar no gol porque eu sei que ele gostava também de ficar no gol talvez já sabendo dessa questão de não querer atrapalhar o jogo por exemplo”.*

PROVAVELMENTE (dúvida): Note-se que não é uma certeza. Então, com base em uma suposição, o “destino” desse estudante (gordo) foi decidido, naquela situação.

O depoente Ívis traz memórias dolorosas sobre o preconceito contra o gordo na escola:

*“Olha... **eu lembro de uma situação bem pequena**... isso inclusive é um marco na minha vida... eu numa aula de educação física... criança ainda que eu era... tinha um exercício que tinha que pular... tinha que pular um obstáculo e eu lembro você falou da discriminação talvez nesse momento como criança não tenha entendido como discriminação mas era de outras crianças:: um momento em que as crianças... os colegas ficaram todos rindo muito e o quanto que aquilo me tolheu né? me deixou meio retraído:: e a coisa do pular obstáculo para mim foi uma dificuldade muito grande e olha que eu não era assim um obeso... bem gordinho não... era um médio mas isso me marcou... marcou mesmo tanto marcou que eu acho que essa personalidade de contundência digamos assim de momentos de contundência ela vem muito dali daquele momento... que foi a partir daquele momento que mesmo criança eu tenho a memória de que “ah não vou permitir nunca mais que nenhuma situação na minha vida”... talvez nem tão elaborada quando eu tô falando agora... aconteça mais que me deixa assim entendeu? Isso foi marcante sim:: eu acho que isso está relacionado com meu corpo”.*

BEM (intensidade): esse intensificador tenta afirmar um detalhe insignificante já que é **BEM** pequena. No entanto, o contexto desdiz, pois era criança **AINDA** (tempo) e traz marcas profundas no seu presente adulto, além de ser citado como “um marco” na sua vida.

Perguntado sobre a existência de preconceito contra o gordo na escola, ainda hoje, Inês opina:

“Acho que sim acho que ainda rola... acho que rola sim um bullying ainda com as crianças que não estão dentro do padrão de beleza aceita pela sociedade e eles ainda fazem um pouco de piadinha... botando apelido e tal ainda existe sim” (I1)

SIM (afirmação); **AINDA** (tempo): denotam ao mesmo tempo a certeza e um certo medo de ter certeza de que o assunto é presente.

Alexandre relembra de uma funcionária da escola que era gorda e como era conhecida pela comunidade escolar:

“eu lembro na escola tinha uma moça... uma senhora... o nome dela era Célia e aí era chamada de Célia gorda e ela era muito... ela era obesa... ela era muito gordinha para a época... tanto que o apelido dela era Célia gorda e ela tinha... ela sim as pessoas falavam dela porque ela tava além daquele normal esperado né? e era curioso porque a mãe dela... a mãe dela era muito magrinha... então é curioso e ela cuidava da mãe e ela ia andando e eu lembro dela... ela já faleceu... ela era uma pessoa muito boa muito carinhosa com todo mundo e os alunos não tinham nada contra ela mas a conversa que a gente ouvia toda vez que a gente tinha de se referir a ela... a Célia gorda... tinha sempre o adjetivo: a gorda... Célia a gorda... e isso era uma coisa que marca a escola...” (A2)

Perceba-se o cuidado do locutor para falar da gordura de Célia. Outro detalhe importante é a diferença de resultados entre as expressões **MUITO GORDINHA** e **MUITO MAGRINHA** presentes numa mesma locução. A primeira carrega um sentido de atenuar o peso da palavra **GORDO**, que já foi ampliada por **MUITO**, ao passo que **MUITO MAGRINHA** não veste o mesmo propósito, já que apenas confirma o significado de **MAGRO**.

Ainda em seu depoimento, Alexandre conta sobre um episódio ocorrido durante a aula de Educação Física, após ter se mudado para o Rio de Janeiro, na adolescência:

“aqui especificamente... onde todo mundo é mais magrinho... onde todo mundo é mais esbelto... eu sofria mais... por exemplo... eu não gostava de fazer educação física justamente porque tinha de botar esse uniforme de educação física... ficar de camisa e eu não gostava porque isso expor o corpo... e eu lembro de uma vez o professor de educação física falando pra mim: “você não vai emagrecer se você não fizer educação física!” e eu lembro da resposta que eu dei pra ele que eu sei porque eu fui suspenso... eu falei: “eu não perguntei nada pra você:” e aí ele ficou: “e aí o que que você falou?” e aí eu mandei ele tomar no c na época e fui suspenso... mas foi por isso... assim... eu não tinha perguntado a ele se eu queria emagrecer ou não... ele não tem nada a ver com isso... eu não queria fazer exercício porque eu não queria mostrar meu corpo... não quero emagrecer... a questão não é essa”.*

ESPECIFICAMENTE (modo): é perceptível, na manifestação linguística, o quanto esse episódio mexe com seu equilíbrio emocional.

O locutor Nando discursa sobre um aluno gordo que frequentou a instituição:

*“mas a gente nunca fez nada especificamente... a gente sabia que aquilo era um quadro preocupante:: ele tinha dificuldade de andar... ele não cabia na carteira... **ele é um cara muito grande**... nunca teve carteira para ele específica e eu acho que precisaria... porque é uma coisa que talvez incomodasse o cotidiano dele né:”.*

MUITO (intensidade): há cuidado com os termos utilizados ao trocar **GORDO** por **GRANDE**, mas há revelação da força da anormalidade pelo **MUITO**.

Alguns entrevistados geraram discursos sobre suas próprias dificuldades com acessibilidade, enquanto outros se voltaram para a acessibilidade dos estudantes gordos na escola em que atuam, trazendo depoimentos sobre situações reais enfrentadas por eles. A acessibilidade precisa ser antevista nas diversas situações que as corporalidades gordas enfrentam ou poderão enfrentar na escola, como o acesso a uniformes de tamanho adequado, mobiliário adequado, possibilidade de deslocamento e tantas outras necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos depoimentos dos diversos entrevistados, é possível elencar várias manifestações gordofóbicas no ambiente escolar. Elas acontecem nos níveis estudante/estudante, estudante/servidor, servidor/servidor, servidor/estudante, familiar/servidor, entre outros, onde se mantiverem relações dentro da escola. Tais manifestações interferem nas relações afetivas das pessoas gordas, em suas relações de trabalho e produção, além de terem influência sobre o processo de aprendizagem desses estudantes. Também é preciso salientar o processo de exclusão dos corpos gordos da escola quando não há preocupação alguma com sua acessibilidade, nem com sua inclusão nos currículos escolares tomando-os como corpos diferentes. Se, por acaso, esses corpos são incluídos no currículo, é sempre pelo viés da culpabilização e patologização, corroborando as ações gordofóbicas já descritas.

A escola, que poderia ser a instituição capaz de transformar essa realidade, vem demonstrando que se comporta como as outras instâncias sociais e acaba por reproduzir, como um microcosmo, as posturas gordofóbicas que acontecem do lado de fora dela. Não

há, na escola, cuidados com a acessibilidade dos estudantes gordos, entalando-os em mobiliários inadequados e enlatando-os em uniformes nos quais seus corpos não cabem. Não há, nos currículos escolares, nenhuma menção ao estudo e pesquisa sobre os corpos gordos como corpos diversos. Há, sim, a estigmatização dos corpos gordos como doentes e improdutivos nos materiais didáticos quando se trata de má alimentação e consumo excessivo de calorias e cálculos de IMC, fazendo com que esses estudantes virem chacota de seus colegas, sendo humilhados publicamente.

É urgente que, nos ambientes escolares, seja observada e reconhecida a existência de corpos gordos e outras corporalidades e também da discriminação por eles sofrida. A partir desse reconhecimento, então, será possível traçar ações que busquem incluir efetivamente os corpos gordos à escola, construindo relações sólidas e igualitárias nesse ambiente.

REFERÊNCIAS

Dijk, T. A. Van. **Discurso e poder**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Fairclough, N. **Discurso e Mudança Social**. 1ª edição. [S. l.]: Editora UnB, 2001.

Nicola, J. D.; Infante, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 1ª edição. [S. l.]: Scipione, 1991.

Resende, V. de M.; Ramalho, V. **Análise Do Discurso Crítica**. 2a ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2019.

Ribeiro, D. Gordofobia. 2023. **Dicio, Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gordofobia/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

Thiollent, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 3 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986 (Coleção Temas Básicos de Pesquisa-Ação).

Vigarello, G. **Metamorfoses do gordo: História da obesidade no Ocidente da Idade Média ao século XX**. 1ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.